

## A tuberculose e sua ressonância nas obras de Álvares de Azevedo e Manuel Bandeira

Lorena Vieira Rocha Santos

Aluna do 6.º período do curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do UNIPAM. Trabalho orientado pelo Prof. Ms. Carlos Roberto da Silva

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo a abordagem da tuberculose na vida e nas obras de dois poetas brasileiros: Álvares de Azevedo e Manuel Bandeira. Tal pesquisa busca demonstrar quão presente a doença se faz em seus escritos, ora revelada, ora disfarçada, e como os poetas se relacionavam com a enfermidade. É pertinente destacar e esclarecer o contexto e o período histórico vivenciado pela medicina ao tratarmos da moléstia, ressaltando também o momento presenciado por ambos, no sentido de entender o comportamento exercido e as manifestações artísticas. Dessa forma, fazem-se necessários novos olhares acerca das doenças e seus reflexos, na vida e na arte, mostrando como a História e a Literatura podem equilibrar e satisfazer algumas questões e indagações presentes no contexto vivenciado. Portanto acredita-se que este trabalho possibilita uma ligação entre poetas com histórias diferentes, unidos por uma mesma doença que, como foi analisado, adquiriu diversas faces e mitos ao longo do século.

**Palavras-chave:** Tuberculose. Álvares de Azevedo. Manuel Bandeira. Romantismo.

**Abstract:** This work aims at approaching the tuberculosis in the life and works of two Brazilian poets: Álvares de Azevedo and Manuel Bandeira. Such research tries to demonstrate how present is the sickness in their writings, sometimes revealed, sometimes disguised, and how was the relationship between the poets and the illness. It is important to clarify the context and the historical period experienced by medicine, while approaching the disease, by emphasizing also the moment lived by both poets, so as to understand their behavior and their artistic manifestations. This way it is also necessary to project a new look on the diseases and their reflections, in art and in life, by showing how History and Literature can balance and satisfy some questions and inquiries present in this context. Therefore we believe this work may turn possible the link between the two poets and their different stories, united by a disease that – as analyzed – acquired many faces and myths along the centuries.

**Keywords:** Tuberculosis. Álvares de Azevedo. Manuel Bandeira. Romanticism.

**A**o analisarmos o desenvolvimento da história da medicina mundial, deparamo-nos com significativos aperfeiçoamentos médicos, tanto preventivos quanto de tratamentos de diversas enfermidades. Doenças infecciosas que causavam epidemias arrasadoras na antiguidade, hoje são tratadas por meio de medidas profiláticas que bastam para conter seu avanço.

Entre tais doenças podemos destacar a tuberculose, por suas representações perante a sociedade e a singularidade presente nos adjetivos atribuídos aos doentes, principalmente durante o século XIX. Apesar do elevado número de mortes, a associação entre tuberculose e romantismo conotava inteligência e sensibilidade, pela grande quantidade de artistas e intelectuais acometidos pela moléstia.

Este trabalho busca mostrar a ressonância da doença na obra de dois poetas brasileiros, ambos tuberculosos, mas com histórias de vida distintas: Álvares de Azevedo e Manuel Bandeira. Trata-se de uma análise sobre algumas questões pertinentes, relacionadas à influência da tuberculose nos escritos destes gênios literários, possibilitando uma maior compreensão acerca dos sentimentos, ilusões e dúvidas que permearam suas obras, e dos significados atribuídos a essa doença.

Para tanto é necessário um maior aprofundamento na leitura de cada obra, observando cuidadosamente a maneira como a doença se manifesta e o modo com que o poeta a trata ou a omite, além da relação existente entre ambos. Enfim, pretende-se entender a convivência do artista com uma enfermidade mortal, porém repleta de significações e metáforas, e como essa relação se dá em sua criação artística.

Devemos ter consciência de que a história das doenças também pode ser vista e analisada do ponto de vista literário. Afinal, a literatura nos permite ir além dos fatos e acontecimentos, buscando novas perspectivas a partir da subjetividade presente em cada obra. É imprescindível sua utilização em pesquisas históricas, pois ela consente o diálogo, de forma a mostrar um novo olhar acerca do tema estudado.

A constituição do saber médico acumulado desde os primórdios proporcionou avanços significativos no que diz respeito às doenças. Todavia não se pode negar que as enfermidades, de um modo geral, representam a anormalidade, tanto biológica quanto socialmente, assim como afirma Laplantine (2004, p. 103) “[...] A doença não é apenas um desvio biológico, mas também é um desvio social, e o doente é vivido pelos outros e se vê ele mesmo como um ser socialmente desvalorizado”.

A tuberculose, existente desde a antiguidade, é uma doença que se disseminou principalmente no século XIX devido às condições favoráveis ao seu contágio. Somente no final desse mesmo século, Robert Koch descobriu a bactéria *Mycobacterium tuberculosis*, causadora da doença. A invenção do estetoscópio e a descoberta dos raios-x, que permitiram a produção de imagens das partes internas do corpo, facilitaram o diagnóstico.

Entretanto, graças às profundas investigações, sabemos que a tuberculose existe desde a antiguidade, e possivelmente originou-se no Egito. Tal constatação permite a indagação do porquê do não-aparecimento da doença de forma arrasadora nos séculos anteriores ao XIX. Para Ujvari (2003, p.149)

[...] Apesar da tuberculose existir milênios antes da era cristã, somente no século XIX surgiram condições sociais para que se desse a sua maior epidemia. Nos aglomerados industriais da época, os doentes com tuberculose pulmonar apresentavam emagrecimento progressivo, tosse seca e febre diária.

A partir do século XVIII, a tuberculose, que atingia muitos artistas e intelectuais devido às aglomerações que facilitavam a passagem do bacilo de uma pessoa para outra, começa a ganhar condições para se alastrar. Desse modo, a doença até então desconhecida, no que se refere a tratamento, causa e contágio, começa a ser relacionada a uma possível personalidade romântica. Alguns acreditavam que a genialidade tornava o indivíduo vulnerável à doença e, a partir dessa percepção, o enfermo passa a ter características próprias, como a tristeza, a paixão, a falta de disposição, a palidez e a obsessão pela morte. Segundo Adam & Herzlich (2001, p. 22)

[...] A angústia que suscita é considerável e as representações que se desenvolvem são imediatamente manifestadas pelo Romantismo então dominante. Acredita-se por muito tempo que tísica é uma doença hereditária que afeta principalmente aos jovens ricos, bem dotados e sensíveis, particularmente as mulheres e os poetas. A doença expõe a verdade profunda dos seres apaixonados que, por vezes, eram considerados até como gênios. A febre que consome, não é senão um sinal da chama que abrasa o interior de suas almas.

Percebe-se que a tuberculose, a partir do século XVIII, é associada a pelo menos duas representações. A primeira concepção, já mencionada anteriormente, atribui à doença a capacidade de ser responsável pela criação artística e também ser modelo para a vida boêmia e errante. A busca por ares saudáveis, longe das agitações urbanas, tornou-se a principal forma de recuperação, visto que as formas de tratamento da tuberculose incluíam viagens e internações em sanatórios. A doença nesse período é considerada, às vezes, como benção, pois, supunha-se que o enfermo era dotado de inteligência, sensibilidade e acima de tudo criatividade. Como afirma Sontag (2007, p. 33),

[...] Tão bem estabelecido era o clichê que ligava a tuberculose à criatividade que, no fim do século XIX, um crítico sugeriu que o progressivo desaparecimento da tuberculose, era o responsável pelo declínio que se observava na literatura e nas artes.

Todavia, no final do século XIX, a industrialização crescente e vigorosa, provocou a vinda de muitas pessoas do campo para a cidade. As precárias condições de vida, aliada às longas jornadas de trabalho, forneceram condições sociais ideais para que se desse sua maior epidemia. A doença começa a desvencilhar-se dos mitos e metáforas que a acompanhavam. Trata-se de outra percepção, diferentemente da romântica, em que a enfermidade é articulada como individual. Nesse momento os pobres em sua maioria são acometidos em grande número, o que faz com que a moléstia perca a aura exclusivamente rica e volte-se contra as camadas populares. Segundo Adam & Herzlich (2001, p. 22)

[...] No final do século, estatísticas mais exatas mostrarão uma realidade bem diferente: a tuberculose atinge sobretudo os pobres, os proletários das grandes cidades; é uma doença típica da miséria e dos casebres. Concomitantemente, ela deixa de ser vista como uma doença hereditária pois, em 1882 descobre-se o vírus causador, o bacilo de Koch e seu caráter contagioso fica confirmado.

A tuberculose e suas representações tiveram importância singular no tratamento e análise de questões psicológicas advindas da doença. Os dois momentos esclarecidos em que a enfermidade se manifestou identificam posições ambíguas no tratamento de enfermos e da própria moléstia.

Portanto, convém mencionar que o mito da tuberculose enquanto doença romântica perdurou quase duzentos anos. Atualmente torna-se difícil imaginar como a realidade de uma doença pode ser transformada a ponto de ditar o modelo comportamental do indivíduo. Nestes termos torna interessante discutir a distinta relação estabelecida pelos poetas no que se refere à tuberculose e assim compreendermos as suas obras e as diversas manifestações da doença.

Nascido em 12 de setembro do ano de 1831, Manuel Antônio Álvares de Azevedo, um dos principais nomes da poesia romântica brasileira, viveu pouco mais de duas décadas e mesmo assim suas obras são referência no que diz respeito à segunda geração romântica no Brasil. Toda a sua obra foi escrita entre 1848 e 1852, durante o

tempo em que frequentou a Faculdade de Direito de São Paulo e os poucos meses em que viveu no Rio de Janeiro antes de morrer.

A abordagem acerca de sua obra se fará necessariamente a partir de vestígios que indiquem a convivência do poeta com a doença. É importante destacar que Álvares de Azevedo, desde criança, teve a saúde debilitada. A tuberculose, com seus sintomas de fraqueza, o acompanhava desde muito jovem, e assim como muitos outros poetas, também ele sofria do “mal do século”, denominação atribuída à enfermidade que nesse momento era envolta por inúmeros mitos e metáforas.

Nesse contexto, é valioso recordar a ligação existente entre o romantismo vigente e a tuberculose, associada à paixão e à sensibilidade. O poeta, que faleceu aos vinte anos de idade, sendo adolescente, vivia a expectativa do amor, com seus anseios e decepções; em contrapartida ele se refere à morte constantemente, deixando claro que não tem esperança de vida longa; e essa por vezes só lhe causa sofrimento.

### **Lembrança de morrer**

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,  
Que o espírito enlaça à dor vivente,  
Não derramem por mim nenhuma lágrima  
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura  
A flor do vale que adormece ao vento:  
Não quero que uma nota de alegria  
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio  
Do deserto o poento caminheiro  
- Como as horas de um longo pesadelo  
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minha alma errante,  
Onde fogo insensato a consumia;  
Só levo uma saudade - é desses tempos  
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade - é dessas sombras  
Que eu sentia velar nas noites minhas...  
De ti ó minha mãe! pobre coitada  
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,  
Poucos - bem poucos - e que não zombavam  
Quando em noites de febre endoidecido,  
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,

Se um suspiro nos seios treme ainda,  
É pela virgem que sonhei... que nunca  
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu ó mocidade sonhadora  
Do pálido poeta deste flores...  
Se viveu, foi por ti! e de esperança  
De na vida gozar dos de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,  
Verei cristalizar-se o sonho amigo...  
Ó minha virgem dos errantes sonhos,  
Filha do céu, eu vos amar contigo!

Descansem o meu leito solitário  
Na floresta dos homens esquecida.  
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:  
- Foi poeta - sonhou - e amou na vida.

Sombras do vale, noites da montanha,  
Que minha alma cantou e amava tanto,  
Protegi o meu corpo abandonado,  
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora  
E quando à meia noite o céu repousa,  
Arvoredos do bosque, abri os ramos...  
Deixai a lua prantear-me a lousa!

(AZEVEDO, 1984, p. 56)

Percebe-se claramente o poeta desgostoso com a vida, chega a dizer que esta por vezes parece um pesadelo. A relação existente entre ele e a morte é bastante próxima, pois, mesmo não havendo em seus escritos menções claras a respeito da tuberculose, até porque, como foi dito anteriormente, a doença só começou a ser esclarecida no final do século XX, nota-se em suas obras constantes relatos sobre a febre que o consome, a palidez, os suores noturnos e as noites de agonia por ele vivenciadas.

### **Por que mentias?**

Por que mentias leviana e bela?  
Se minha face pálida sentias  
Queimada pela febre, e se minha vida  
Tu vias desmaiar, por que mentias?

Acordei da ilusão, a sós morrendo  
Sinto na mocidade as agonias  
Por tua causa desespero e morro...  
Leviana sem dó, por que mentias?

Sabe Deus se te amei! sabem as noites  
Essa dor que alentei, que tu nutrias!  
Sabe esse pobre coração que treme  
Que a esperança perdeu por que mentias!

Vê minha palidez – a febre lenta  
Esse fogo das pálpebras sombrias...  
Pousa a mão no meu peito! Eu morro! eu morro  
Leviana sem dó, por que mentias?

(AZEVEDO, 1984, p. 81)

A doença nesse poema aparece de forma mais clara, a palidez que remete à falta de disposição do tuberculoso, a febre que arde utilizada como metáfora do sentimento de paixão que o consome sem dó, são sinais e vestígios da doença, que penetraram no poeta minado pelo mal do século. “Vê minha palidez – a febre lenta...”: quando Azevedo menciona a sua palidez e a febre, claramente descreve os sintomas da tuberculose, e desse modo deles se utiliza para lamentar o amor e as suas decepções.

Se a morte é uma presença constante em seus escritos, o amor é uma ausência eterna. Álvares de Azevedo tem pressa em realizar-se, uma ânsia de viver inigualável, refere-se a todo momento à sua morte durante a mocidade. Sua saúde desde pequeno foi muito debilitada e a tuberculose vem agravar tal situação.

A principal influência em suas obras vem da Europa, pois desde cedo lia Goethe, Shakespeare e principalmente Byron. A fuga da realidade, o pessimismo e a obsessão pela morte retratam perfeitamente o modelo literário europeu.

Nesse momento em alguns casos, ter tuberculose só aumentava o prestígio e, claro, a genialidade dos enfermos. Ao contrário de Manuel Bandeira, que toma consciência da doença à medida que espera a chegada da morte, a enfermidade para Azevedo era mais um componente romântico, fazia parte da essência do Romantismo.

Manuel Bandeira nasceu a 19 de abril de 1886 em Recife. Sua poesia mantém características parnasianas, simbolistas e modernistas. Aos dezessete anos, é matriculado na Escola Politécnica de São Paulo, onde se preparava para ser arquiteto. Ao descobrir que tem tuberculose, os médicos não lhe dão muita esperança de vida; o poeta decide abandonar os estudos e vai para as cidades de clima serrano do Rio de Janeiro, em busca de tratamento. Nesse momento, começa a escrever seus primeiros versos livres. Embarca para a Europa e se interna num sanatório. Volta para o Brasil em 1914, indo morar em Copacabana. Em 1915 publica seu primeiro livro. Faz-se necessário tal exposição, para que se entenda o que a tuberculose significou e representou em sua vida.

Ao ser desenganado pelos médicos com dezoito anos de idade, o poeta vê seus planos destruídos. A doença intervém diretamente nos seus sonhos, e não de forma passageira, pode-se dizer que é uma intrusa que veio para ficar, e dessa forma vai se tornar um componente essencial nas obras de Manuel Bandeira. Em seus poemas, é constante a espera da morte e suas ironias. Além disso, o lamento pela vida sonhada, junto com a aceitação perante a morte, são marcas fundamentais que irão decidir sobre seus escritos.

### **Pneumotórax**

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.  
A vida inteira que podia ter sido o que não foi.  
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.

.....  
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.  
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?  
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(BANDEIRA, 1970, p. 41)

A partir do poema, fica claro o que a tuberculose representou para Bandeira: “uma vida que podia ter sido o que não foi”. E, mais que isso, nota-se que, como a doença não tem cura, sugere-se o pneumotórax, técnica que consiste em provocar um colapso no pulmão infectado para deixá-lo descansar e permitir a cicatrização das lesões. Foi um artifício utilizado com frequência, mas que se mostrava pouco eficaz. Diante da negação de que nada pode ser feito, o tango argentino sugere viver o tempo disponível, de forma totalmente irônica.

### **Andorinha**

Andorinha lá fora está dizendo:  
- “Passei o dia à toa, à toa!”  
Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!  
Passei a vida à toa, à toa.

(BANDEIRA, 1970, p. 50)

O diagnóstico da doença precoce fez com que o poeta apenas esperasse a chegada da morte; seus planos, sonhos, estudos, foram todos deixados à margem. Não

havia possibilidade de cura. Entretanto a vida pregou uma peça em Bandeira, pois a morte só chegou em 1968, em decorrência de uma parada cardíaca.

É impressionante como a espera da morte cercava o poeta de todos os lados, pois as maravilhas do mundo para ele, não tinham significado que o fizesse esquecer-se do destino que o esperava, destino esse que para ele não havia escapatória.

### **Poema do beco**

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?  
- O que eu vejo é o beco.

(BANDEIRA, 1970, p. 56)

As obras de Manuel Bandeira são fascinantes porque não é possível separar a obra do autor. A doença despertou a sua personalidade poética. No “Poema do Beco”, por exemplo, nota-se o quanto a doença rompeu o equilíbrio em sua vida; nada é importante o suficiente que o faça esquecer-se da morte e o caminho até ela.

O saudosismo presente em seus versos é encantador, na medida em que relata a melancolia que o poeta alimenta a respeito da sua infância e da sua família. A saudade dos entes queridos, unida ao sentimento de frustração, produz um dos poemas mais delicados de sua obra.

### **Velha chácara**

A casa era por aqui...  
Onde? Procuo-a e não acho.  
Ouço uma voz que esqueci:  
É a voz deste mesmo riacho.  
Ah quanto tempo passou!  
(Foram mais de cinquenta anos.)  
Tantos que a morte levou!  
(E a vida... nos desenganos...)

A usura fêz tábua rasa  
Da velha chácara triste:  
Não existe mais a casa...  
- Mas o menino ainda existe.

(BANDEIRA, 1970, p. 64)

Como é melancólica a maneira com que o poeta trata a velha chácara. Permite a observação a respeito da enfermidade, quando se refere aos desenganos e também ao eterno menino vivo dentro do poeta, menino que não esquece o passado junto à família e não esquece a morte que o persegue.

Ao refletir sobre os poemas de Manuel Bandeira, a presença da criança viva dentro do poeta é constante. Mesmo com o peso dos anos, ele faz referência ao menino que o acompanha e é perceptível uma mistura ambígua de sentimentos relacionados à decepção que a vida lhe causou. Observa-se também como Bandeira se enxerga, “um homem triste”, que junto com o menino não quer morrer.

### **Versos de Natal**

Espelho, amigo verdadeiro,  
Tu refletas as minhas rugas,  
Os meus cabelos brancos,  
Os meus olhos míopes e cansados.  
Espelho, amigo verdadeiro,  
Mestre do realismo exato e minucioso.  
Obrigado, obrigado!  
Mas se fosses mágico,  
Penetrarias até o fundo desse homem triste,  
Descobririas o menino que sustenta esse homem,  
O menino que não quer morrer,  
Que não morrerá senão comigo,  
O menino que todos os anos na véspera do Natal  
Pensa em pôr seus chinelinhos atrás da porta.

(BANDEIRA, 1970, p. 64)

Manuel Bandeira e seu menino interior se mostram presentes nesse poema – poema de um poeta triste e saudoso, que agradece ao espelho pelos anos inesperados de vida. E o menino, sustentáculo do homem, apenas quer viver, como um menino normal, com suas crenças e brincadeiras de uma criança.

Em um de seus mais belos poemas fica nitidamente explícito o que de fato significou a tuberculose em sua vida. Revela-se o poeta como um “tísico profissional”, visto que a doença não lhe possibilitou realizar projetos e sonhos. A vida passou pelo poeta, assim como suas ambições e planos o deixaram.

### **Auto-retrato**

Provinciano que nunca soube  
Escolher bem uma gravata;  
Pernambucano a quem repugna  
A faca do pernambucano;  
Poeta ruim que na arte da prosa  
Envelheceu na infância da arte,  
E até mesmo escrevendo crônicas  
Ficou cronista de província;  
Arquiteto falhado, músico

Falhado (engoliu um dia  
Um piano, mas o teclado  
Ficou de fora); sem família,  
Religião ou filosofia;  
Mal tendo a inquietação de espírito  
Que vem do sobrenatural.  
E em matéria de profissão  
Um tísico profissional.

(BANDEIRA, 1970, p. 85)

Toda a obra de Manuel Bandeira possui a ressonância da tuberculose e suas variáveis no cotidiano e em sua vida. O desengano trazido pela doença foi responsável por toda criação artística que norteou o poeta. Em alguns poemas não citados neste trabalho, as fugas da realidade como “Vou-me embora pra Pasárgada” (espaço mítico onde é possível fazer coisas normais, sem regras) remetem às tentativas de negação da realidade vivida.

As semelhanças entre Manuel Bandeira e Álvares de Azevedo giram em torno da doença comum que os acometeu. A capacidade de enfrentar a doença é bastante distinta entre eles. Não se pode esquecer o contexto histórico em que cada um se insere; entretanto um estudo sobre essa capacidade, apoiado sobre a noção de *locus of control*, foi desenvolvido pelo psicossociólogo Jerome B. Rotter. Como afirmam Adam & Herzlich (2001, p. 63),

[...] Quando a pessoa sente ter um certo controle sobre seu destino e ser responsável pelo que lhe ocorre, considera-se que seu “local de controle” é “interno”. Ao contrário, se ela acredita que seu destino é dirigido pelo acaso ou por forças incontroláveis, seu “local de controle” é externo.

Uma doença crônica como a tuberculose despertava diferentes sentimentos nos enfermos. Usando o estudo acima mencionado como apoio, podemos identificar Álvares de Azevedo como possuidor de um “local de controle” externo. O poeta, convivendo com a doença, atribui a sua sorte a fatores externos, ou forças ocultas, ele não aceita a morte com naturalidade; pelo contrário, esta representa a ruptura definitiva e total, fazendo com que ele deseje a própria morte, como é observado em todas as leituras sobre o poeta.

Em contrapartida, quando se analisa a convivência de Manuel Bandeira com a enfermidade crônica, a impressão que se tem é totalmente contrária à de Azevedo.

Bandeira aceita a morte de forma natural, ele não a deseja, apenas lamenta sem culpar nada nem ninguém. Novamente utilizando o estudo citado, relacionamos Manuel Bandeira como detentor de um “local de controle” interno. A doença é um advento próprio do ser humano, não há explicação externa. Essa noção, mesmo que inconsciente, permite aos enfermos lidar melhor com a doença. Tanto que diferentemente de Álvares de Azevedo, Manuel Bandeira começa a reescrever sua vida, mesmo com a moléstia nela inserida.

## Conclusão

A tuberculose causou enorme preocupação pública no final do século XIX e início do século XX, como doença contagiosa entre as classes pobres. Depois de esclarecido o fato de que a moléstia era transmitida por contágio, os mistérios e mitos relacionados a possíveis predisposições começaram a se romper; e a aura que envolvia a enfermidade como “peste branca”, que matava gênios e intelectuais, começa a se desfazer.

Dessa forma convém esclarecer que a obra de Manuel Bandeira, escrita com as desilusões que o cercavam devido à doença, insere-se em contexto distinto se relacionada à época de Álvares de Azevedo. Nesse sentido, a História é responsável pela análise cronológica da doença e suas evoluções, desde o primeiro registro sintomático, até a cura e os tratamentos atuais. A Literatura por sua vez permite o diálogo subjetivo da enfermidade com a vítima, e mostra um novo olhar a partir dos registros históricos.

Portanto, é coerente ressaltar que uma mesma doença, no decorrer do tempo, pode adquirir conotações e formas próprias de comportamento pela sociedade. Álvares de Azevedo teve a tuberculose manifestada em um período da História em que se acreditava ser especial o enfermo. Suas obras são de extrema importância ao identificarmos os poetas românticos brasileiros que faleciam jovens e cheios de amargura em relação ao amor. O poeta nesse movimento é a referência que possui todas as características nesse sentido, inclusive a tuberculose. Manuel Bandeira, a seu tempo, acusa a doença a todo momento pelo fato de ela ter provocado tanta solidão e espera em sua vida. A relação da enfermidade com ambos se dá de maneira totalmente distinta. Sobre essa questão entende-se que a doença em determinado período foi considerada como componente essencial aos poetas românticos, e mais tarde como usurpadora de vida, de plano e de sonhos.

Se para Álvares de Azevedo a morte é um íntimo desejo (“Eu deixo a vida como quem deixa o tédio”), para Manuel Bandeira, o sentimento de aceitação se faz presente, (“A única coisa a fazer é tocar um tango argentino”). Diante de posições tão diferentes, pode-se concluir que a enfermidade em determinado período, possui uma simbologia fortemente alimentada por metáforas e mitos que serão responsáveis pelo clichê do movimento romântico. Mais tarde, a representação da moléstia estará totalmente ligada às condições sociais, e a morte passa a ser encarada sem a beleza encontrada pelos românticos, mas como a vilã de todas as construções futuras.

## Referências

ADAM, Philippe & HERZLICH, Claudine. *Sociologia da doença e da medicina*. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 2001. 144p.

AZEVEDO, Álvares. *Poesia*. Ed. de Maria José da Trindade Negrão. São Paulo: Agir, 1984. 151 p.

\_\_\_\_\_. *Lira dos vinte anos e outros poemas*. São Paulo: Nacional, 2006. 304 p.

\_\_\_\_\_. *Noite na taverna*. São Paulo: L&PM, 1998. 89 p.

BANDEIRA, Manuel. *Bandeira de Bolso*. São Paulo: L&PM, 2008. 166p.

\_\_\_\_\_. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 232 p.

\_\_\_\_\_. *Poesia*. Ed. de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Agir, 1970. 100 p.

LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. 3 ed. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 274p.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora*. AIDS e suas metáforas. 2 ed. Trad. de Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 168 p.

UJVARI, Stefan Cunha. *A história e suas epidemias: a convivência dos homens com os microorganismos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Senac, 2003. 311 p.